

Comemorar na cidade:

Clarice Lispector, Rubem Fonseca e suas felicidades urbanas

Eliana Kuster*

Resumo – Partindo dos contos “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector, e “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca, abordam-se, neste artigo, questões referentes à sociabilidade urbana e à transformação desse processo, ao longo do tempo, que separa as duas obras. Dialogando com autores, tais como Georg Simmel, Hannah Arendt e Zygmunt Bauman, é traçado um panorama da discussão contemporânea sobre as alterações do sentido do espaço urbano.

Palavras-chave: literatura; cidades; sociabilidade urbana; Rio de Janeiro.

A literatura vai moldando no imaginário a “cidade possível” de cada época.

Robert Pechman

Uma festa de aniversário. Uma festa de *réveillon*. Ocasões de encontro entre parentes e amigos.¹ Ocasões felizes. Serão mesmo? Vamos olhar mais de perto...

No aniversário, uma cena insólita: pessoas reunidas em uma sala, com vestimentas que não parecem ter por objetivo o mesmo evento. Ao centro, em uma mesa comprida, um bolo. Na cabeceira, uma velha mulher. Ao seu redor fervilha um burburinho de conversas reticentes, quase forçadas. Sorrisos constrangidos. Apenas as crianças parecem à vontade, os laços das

roupas bem engomadas já desfeitos, cabelos despenteados e faces afogueadas. Subitamente, um silêncio repentino. Cessam as conversas forçadas e os gritos das crianças. Olhamos em volta: o que aconteceu? Após um momento, percebemos o ocorrido: a mulher à mesa acabou de cuspir no chão. As expressões de choque e nojo estampadas nos rostos de todos rapidamente dão lugar ao retorno de conversas ainda mais forçadas e sorrisos mais constrangidos que os anteriores. Embora tentem continuar atravessando a festa como se

* Arquiteta, Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutoranda no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (Cefet-ES). E-mail: elianakuster@bol.com.br

nada tivesse acontecido, todos sabem que ali houve uma ruptura. Um acontecimento. A festa, que já não ia muito bem, parece que vai, finalmente, se desequilibrar daquela espécie de corda bamba que atravessava e, derrotada, estatelar-se no chão. Mas não. De alguma maneira, as pessoas na sala conseguem fazer um esforço de reunir os poucos vestígios de sociabilidade e prosseguir. Os fracos laços que as unem ainda funcionam para apontar um caminho que lhes permite continuar até o final da festa. E esta prossegue. Aos trancos e barrancos, composta de fragmentos de falas, alegria falsamente engendrada e comida insossa engolida sem vontade, mas ainda uma tentativa de encontro.

A outra festa: o *réveillon*. Época de se fazer uma reavaliação do que passou, medir perdas e ganhos do ano que se encerra, reafirmar pactos e construir novas intenções. Amigos estão reunidos em uma casa de alta classe. Ali, as conversas não são constrangidas, pelo contrário. Uma enorme animação toma conta do ambiente. A música ecoa pela enorme sala. Não se trata de uma família composta por pessoas diversas em sonhos e aspirações que ali está reunida. Nesta festa a diversidade não pesa. Os que se encontram ali são iguais, mais iguais que as pessoas da cena anterior, que pertenciam à mesma família. São amigos que fazem parte da mesma faixa da sociedade. O capital compartilhado as aproxima mais do que nascer no mesmo berço ou com o mesmo sobrenome. As falas são altas e encadeadas, não há silêncios

embaraçados. Os risos nada têm de forçados. Ali também irá se produzir um acontecimento. Um tanto quanto mais chocante do que a cusparada no chão dada pela aniversariante da festa anterior, mas igualmente uma ruptura.

Entre as duas festas, quinze anos. Clarice Lispector escreve “Feliz Aniversário”, parte do livro *Laços de Família*, em 1960. Rubem Fonseca cria “Feliz Ano Novo” como um dos contos do livro de mesmo nome, em 1975. Os dois acontecem no mesmo lugar: o Rio de Janeiro. Mas será que estamos tratando da mesma cidade? Se olharmos em volta, é o que parece: quinze anos depois, os ícones que deram fama à cidade permanecem ali: o Cristo Redentor ainda abre seus braços sobre a Guanabara, o Pão-de-Açúcar se debruça sobre a paisagem da Urca e as praias da Zona Sul continuam exibindo diversas candidatas a “garota de Ipanema” estendidas nas suas areias. Mas algo mudou nesse período. Se uma das faces da cidade pode ser inferida ao olharmos para o panorama de suas relações sociais, não estamos mais falando do mesmo Rio de Janeiro.

Partimos aqui de um pressuposto inicial, o de que nos dois contos pode-se inferir algo sobre estas relações sociais e, por conseguinte, sobre a cidade que as abriga. E essa suposição inicial se desdobra na percepção de que estamos tratando de dois momentos de um mesmo processo – uma drástica mudança no sentido do espaço urbano e como as consequências dessa mudança marcam e transformam os seus habitantes.



Em “Feliz Aniversário” temos uma família reunida para comemorar o aniversário da sua matriarca. Mãe, avó e sogra, essa mulher representa a origem da maior parte dos presentes e o motivo de estarem ali. Trata-se de uma típica cena familiar, como confirma o título do livro no qual este conto está inserido. Qual a razão de presumirmos que, a partir dos eventos narrados por Lispector, é possível inferir algo sobre a cidade que os contém? Claro está que, caso consultada, a escritora negaria peremptoriamente ter escrito um conto cujo objetivo fosse estabelecer uma narrativa urbana. Afinal, todo o desenrolar da história se passa em um interior doméstico! Então, o que poderia nos fazer pensar que, apesar de sua intenção explícita ser falar sobre a família, a autora fez mais que isso? Um primeiro indício pode ser entrevisto pela análise de Roberto Corrêa dos Santos, que afirma serem os personagens do conto apresentados...

(...) como um amontoado de seres basicamente sem rosto ou identidade, mas não sem rubricas caracterizadoras de seu lugar ideológico nos quadros sociais. Tanto é que a roupa, as frases feitas, a decoração e os bairros são códigos indispensáveis à leitura dos papéis desempenhados nesta sofrida encenação. (Santos, 1987, p. 59)

Lispector, portanto, mostra-nos os componentes desta família sem marcas que os identifiquem pessoalmente, para além da categorização na qual interessa inseri-los. Assim, não temos maiores informações sobre a primeira convidada que chega. Sequer seu nome sabemos – e continuaremos sem o saber ao longo de todo o conto. Mas somos imediatamente

informados de seu papel dentro daquela estrutura familiar, qual bairro mora e como é a sua roupa. Os personagens são introduzidos na narrativa através de seus papéis dentro da família – noras, mães, filhos, avós –, mas também através de seus papéis sociais, de qual categoria representam. Percebemos logo que nesta reunião restrita a apenas uma família, encontra-se uma diversidade maior de classes sociais, interesses e valores, do que entre os amigos que comemoram o *réveillon* no conto de Rubem Fonseca.

Voltando a Santos, passamos à análise do que o autor chama de “geografia social” da festa:

O trabalho de reorganizar a distribuição das personagens, funcionando quase como um roteiro, não apenas orienta a leitura, como denuncia o sistema de representação a que grande parte dos membros ficcionais, formadores dessa família, não escapa. A própria seleção dos bairros e a arrumação da sala que servem de cenário estabelecem uma geografia social, através da qual os contrastes se reforçam. Os três bairros cariocas mencionados – Olaria, Copacabana e Ipanema – não são marcados sem intenção; destacam os três espaços sociais da cidade, exemplificativos e metonímicos em relação às diferenças econômicas. Tais bairros, segundo o texto, são caracterizados pelas ideologias de seus respectivos representantes. (Santos, 1987, p. 62)

Partimos, portanto, dessa idéia que explicita três bairros e seus sentidos geográficos dominantes: Zona Norte – Olaria, Zona Sul – Ipanema, e o espaço intermediário entre eles, Copacabana.

Vale a pena nos determos um pouco aí. Afinal, quantos são os bairros conhecidos mundialmente? Poucos, decerto: Bronx, Brooklyn, Quartier Latin, Covent Garden... Copacabana. Título de várias músicas, livros e filmes, só esse fato já dá a dimensão da importância desse bairro para a cidade do Rio; mas, para além de sua fama, é importante ressaltar o papel que ele desempenha perante a cidade nesse momento: os anos sessenta.

O Rio está se expandindo geograficamente em direção a outras regiões, e Copacabana – que até pouco tempo antes fora o local de moradia da elite da cidade –, pouco a pouco se populariza na direção de um padrão mediano de residências, começando a abrigar uma nova classe de cariocas e uma diversificação de comércio e serviços. O bairro, assim, passa a representar uma nova centralidade, parcialmente referente à Zona Sul, em alternativa àquela mais geral do centro antigo da cidade. A configuração urbana carioca muda e se dispersa. Outros bairros como Tijuca, Méier e Madureira passam pela mesma transformação. Desta forma, temos na Tijuca – em relação à Zona Norte – esse mesmo papel de centralidade parcial representado por Copacabana, enquanto Méier e Madureira desempenhariam essa aglutinação relacionada aos subúrbios. Isso acontece em um momento no qual a cidade, mais que crescer espacialmente, se especializa e se sofisticada, em função de um redirecionamento nos investimentos de capital e da ampliação da sua malha urbana.

Nesse panorama, temos em Copacabana um bairro emblemático, que, de certa forma, configura-se como uma metonímia da cidade, e torna-se uma forte referência – real e simbolicamente. Ali se constrói a idéia dessa nova cidade, que vai deixar de ser a capital federal, mas continuará a representar – no imaginário de seus moradores e do país – um papel central na determinação dos rumos da modernização e na definição dos novos papéis que serão atribuídos à cidade. Ali está a ser engendrada uma nova idéia do que seja o “viver junto”: a transição das grandes famílias que residiam em grandes casas no subúrbio para uma família reduzidamente nuclear, que passará a morar nos apartamentos diminutos. O panorama das relações sociais também se transforma, no momento em que os laços abrangentes construídos entre as grandes famílias e seus vizinhos se transmudam nesta paisagem multifacetada dos pequenos apartamentos, que já trazem embutida na denominação a sua principal característica: manter a todos separados – “apartados”.

Voltando ao conto, ao nos reportarmos geograficamente à cidade, percebemos que a disposição das cadeiras na sala do aniversário segue um desenho similar ao da cidade: Zona Norte e Zona Sul como opostos, representados pelas noras de Olaria e Ipanema e, no centro, à cabeceira da mesa, como uma mediação – talvez a única possível entre esses dois mundos tão diferentes – a aniversariante. Aquela que é o motivo de todos eles estarem ali e que,



paradoxalmente, é quem menos importa dentro da rede intuída de pequenas intrigas familiares, rusgas passadas e amargores mal curados. Somente através da fala de uma vizinha presente, lá pela metade da narrativa, é que ficamos sabendo o seu nome: Anita. Poderíamos pensar nessa aniversariante como uma metáfora para a cidade? O que inferimos da narrativa ao usarmos como chave de leitura essa aniversariante / cidade que faz a mediação Zona Norte / Zona Sul?

Ao espelharmos esta triste festa narrada por Lispector ao triste espetáculo urbano que começa a se manifestar mais ou menos no mesmo período em que a escritora desenvolve seu conto – momento em que a cidade do Rio de Janeiro perde seu papel de capital federal, inicia um enorme processo de favelização e mergulha, tal como a família mostrada, rumo a um depauperamento da sua rede de relações sociais que vai ter como uma de suas graves conseqüências o aumento da violência –, podemos arriscar o estabelecimento de algumas interpretações. Estas giram, principalmente, em torno da questão da sociabilidade urbana e de seu esgarçamento. É Certeau (1998) quem nos fala da necessidade de prestar atenção ao murmúrio da vida coletiva, apreendendo ali sinais da composição do tecido social. Atentando para esse murmúrio – ou para as vozes estrangidas que trocam comentários nessa festa de aniversário –, vamos tentar inferir algo da tessitura social dessa família e da cidade que a cerca. Assim, se a aniversariante for

tomada como a metáfora para a cidade, que reúne ao seu redor bairros opostos em localização e ideologias, podemos elencar algumas passagens bastante representativas. Logo ao início, temos a chegada dos primeiros convidados:

Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino aco-wardado pelo terno novo e pela gravata.
(Lispector, 2000, p. 239)

Vemos então os bairros/família da Zona Norte, que já foram indiscerníveis na totalidade do tecido urbano e familiar, os quais adquirem uma certa identidade e, conseqüentemente, uma distância. Aquele centro que era a referência dessa sociedade, a “cola” que dava a todos a sensação de pertencer a um mesmo coletivo, já não desempenha mais esse papel no imaginário de seus habitantes. A cidade passa a se compor assim – ao invés de uma centralidade que agrega em torno de si forças diversas –, de múltiplos vetores de crescimento que se dispersam pelos bairros

da cidade, que não pára de crescer e se complexificar, e não mais tem o centro como sua direção de convergência. É, portanto, a própria idéia da existência de um centro nessa malha urbana ampliada que começa a ser questionada; o próprio sentido de concentração dos vetores da cidade que a idéia de centro embutia é que principia a ser colocado em xeque. Fisicamente a região central continua a existir, mas simbolicamente a importância do seu papel apresenta uma oscilação. E, claro, se a idéia de centro não é mais a mesma, ou seja, se a cidade não se pensa mais em relação ao seu centro, também a relação entre seus bairros se modifica, uma vez que passa a não ser mais necessário mediar-se por essa centralidade destituída de seu poder de aglutinar o imaginário citadino. O sentido de conjunto, absolutamente indispensável para que uma cidade seja algo mais que apenas um amontoado de pessoas, começa, portanto, a enfraquecer.

Esses bairros/famílias, portanto, não estão mais mediados pela cidade/aniversariante. Poderiam, inclusive, não comparecer à festa, ou seja, renegar completamente esta cidade. Ainda assim, uma parte da família comparece, “para que nem todos os laços sejam cortados”. A teia que os une é frágil, mas ainda existe. É um momento chave para a família – e para a cidade – no que concerne aos rumos tomados por essa rede de relações sociais ameaçada de dissolução. Neste sentido, destaca-se a frase

proferida pela nora de Olaria, “vim para não deixar de vir”, que é altamente representativa desta relação desprovida de sentido com a família; e com a cidade. As crianças, nesse panorama, poderiam ser vistas como o retrato desse subúrbio que carrega uma certa aura “naïf”, infantilizada e ingênua que se costumava atribuir à periferia das cidades, antes do crescimento da violência.

E podemos ir adiante, em um momento no qual a festa já se iniciou. Outros convidados chegam e buscam criar um certo ambiente festivo, sem sucesso. A matriarca da família não colabora e não reage, como seria de se esperar aos gracejos e tentativas de forjar uma falsa animação:

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. (Lispector, 2000, p. 241)

Os filhos, netos e noras, já instalados na festa e, depois de tentarem – em vão – algum tipo de interação com a aniversariante, se rendem e “fazem a festa” entre eles. A cidade é deixada de lado. Ela não reage conforme o desejado ou, talvez, não produza mais sentido, e seus habitantes decidem que não precisam mais dela. Conseguem tocar a sua vida sozinhos.

Este é, de certa forma, o delineamento do início de um processo que deságua,



contemporaneamente, na atitude de uma determinada parcela da sociedade que, em busca de algo que não encontra mais na interação com a totalidade de seus habitantes, se ausenta da cidade, fechando-se em condomínios, bairros privados, shoppings, locais cujo acesso é vetado a maior parte da população. Essas pessoas “escondem-se” da cidade. Locomovem-se em carros cujos vidros são obscurecidos, ou mesmo blindados. Moram em apartamentos com varandas, mas fecham-nas com blindex, evitando qualquer tipo de troca com o exterior. Isolam-se cada vez mais, “fazem a sua festa” sozinhos ou com seus pequenos grupos, que são fortemente homogeneizados em seus valores, perspectivas, desejos. E a capacidade de ser o local da negociação com o outro, a qualidade de abrigar os embates que, historicamente, fizeram das cidades a arena onde existia a mais ampla diversidade de opiniões e aspirações, até mesmo a possibilidade do reconhecimento da alteridade, todas essas características naufragam face ao empobrecimento da vida pública no espaço urbano.

Inicia-se assim, um processo que Zygmunt Bauman (1998) denomina de “eliminação do estranho”, ou seja, neste mundo moderno no qual o ordenamento do território e da sociedade passou a ser uma prioridade, torna-se fundamental a eliminação daquele que não se encaixa, daquele que não tem um lugar no qual possa ser classificado, contido, enquadrado. A partir daí, não somente é possível a “neutra-

lização” de parcelas inteiras da sociedade, como a categorização de outras, simplificando-as e tornando-as homogêneas. Esse processo teve início de forma concomitante com o aumento das cidades no início do século XX. O sociólogo alemão Georg Simmel, em um ensaio feito em 1903, intitulado “A metrópole e a vida mental” (Simmel, 1973), traça o que seriam os mecanismos de adequação do indivíduo ao ritmo frenético da vida metropolitana. Dentre as mais variadas formas de adaptar-se à vivência nas cidades, o autor fala da necessidade de exacerbação dos aspectos individuais, como uma espécie de proteção contra a impessoalidade da multidão. Assim, a forma de interação entre os indivíduos é pautada pela reserva, mesmo por uma leve aversão de uns pelos outros, que visa a conservação das subjetividades pessoais. A partir daí, é mais do que esperado que a convivência entre os diferentes se reduza ao mínimo, e a formação de grupos sociais aconteça por meio de uma perspectiva cada vez mais exclusivista. Ou seja, convive-se com aquele que já se conhece, com o que não é capaz de causar sobressaltos.

Essa fragmentação da sociedade, esse apagamento dos laços de sociabilidade é uma questão que pode estar na raiz da discussão contemporânea sobre a violência urbana. Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho:

O urbano, nas análises recentes sobre a violência, deixa de ser o lugar exclusivamente do moderno e dos comportamentos racionais de tipo utilitarista,

abrindo-se a pesquisas sobre a intensa fragmentação cognitiva e valorativa dos seus habitantes e sobre os canais de circulação entre os diferentes “mundos” que ali interagem. Nesse caso, a qualidade “urbana” da violência aponta menos para o repertório clássico da sociologia – com os temas da migração interna e da inadaptação dos migrantes ao universo moderno-industrial – e mais para a tensão constitutiva das cidades contemporâneas, em uma chave, por sua vez, menos normativa e mais compreensiva. (Carvalho, 1995, p. 57)

Essa tensão, a qual se refere Carvalho, fica clara ao longo de todo o conto de Lispector. No momento de cantar o “parabéns pra você”, essa dificuldade de comunicação entre as diversas camadas sociais ali presentes atinge o ápice, com alguns convidados cantando em português, outros em inglês. É a mesma música, o mesmo conteúdo, a mesma intenção. Mas a diferença não deixa que eles se entendam plenamente. Tentam trocar os idiomas, mas a confusão permanece:

Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês. (Lispector, 2000, p. 242)

É a babel de línguas, a falta de entendimento entre todos na cidade, que não mais falam o mesmo idioma. Embora muitas vezes estejam dizendo exatamente a mesma coisa, e tenham os mesmos sonhos e necessidades, a forma e

os caminhos que buscam para chegar até seus objetivos vai se distanciando cada vez mais.

E, surpreendentemente, pouco depois dos “parabéns”, a cidade que lhes parecia tão apática, tão sem vida, lhes apresenta uma reação. Talvez irritada por essa clara demonstração de falta de entendimento entre todos, a aniversariante tem uma atitude enérgica:

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

— Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

— Há um ano atrás ela ainda era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga. (Lispector, 2000, p. 242)

Na hora de “partir o bolo”, a aniversariante deixa entrever um pouco do que já foi, da força que já possuiu, e não muito tempo antes, podemos inferir pela fala da filha Zilda. Ou seja, o que se apresenta aqui é uma perda. A perda da força vital dessa mulher, a perda do poder da cidade. Seria esse momento registrado por Clarice exatamente o início do processo de enfraquecimento dos laços urbanos e do sentido dessa cidade?

Nem tudo está definido, a escritora parece nos dizer. A cidade, mesmo enfraquecida, ainda pode nos surpreender com um vigor inesperado. Vigor esse que pode se voltar contra seus filhos, frutos dela:



Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (Lispector, 2000, p. 243)

Os filhos não são reconhecidos pela aniversariante. Olha para eles, acha-os fracos, sem vida. A cidade também não reconhece mais os seus “filhos”? Estes são “azedos e infelizes”, incapazes de uma “boa alegria”, como a família de D. Anita? Essa é uma pergunta que fica no ar, junto com o desprezo pela sua prole. Desprezo esse, concentrado na atitude de rebeldia: a cusparada no chão. É como se – ao produzir esse gesto de ruptura – houvesse um desafio: “vamos deixar essa situação, essa perda, esse sentimento de desprezo às claras!”.

Mas há Rodrigo. Rodrigo, o neto preferido. O único que a aniversariante considera “carne do seu coração” em oposição aos outros, “carne do seu joelho”. Rodrigo “seria um homem”. Ela o procura com o olhar enquanto

a festa prossegue e a mãe do menino, Cordélia, encontra-se em outro mundo:

E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? Alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. (Lispector, 2000, p. 245)

A resposta sobre “o que Cordélia tem” é dada de forma muito sutil pela escritora, que vai soltando a conta-gotas os motivos da alegria e do desespero da mãe de Rodrigo:

E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarrecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu — enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que

uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar – a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa. Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo a nora seguiu-o espantada. (Lispector, 2000, p. 245-246)

Seria essa uma resposta? Em oposição àquela encenação familiar sem amor, sem carinho, sem quentura, temos Cordélia, a mãe do neto preferido. Do marido de Cordélia não sabemos. Sabemos sim, que esta vive o que pode ser a sua última chance de amar. E – Clarice não faria isso por acaso – Cordélia é a mãe do único dali que ‘seria um homem’, do neto escolhido, do neto preferido. Qual é o caminho apontado aqui? Deixar de lado as convenções e agarrar o amor quando este aparece, agarrando assim a sua ‘derradeira chance de viver’? Apostar nos laços, ainda que estes não sejam de família, como enganosamente nos diz o título do livro? A família, a cidade, a sociedade, seriam capazes de encontrar aí um caminho para a sua sobrevivência?

O personagem de Cordélia – cujo nome deriva do latim *corde*, coração – teria o potencial de desfazer, com o seu possível romance extraconjugal, os “laços” desta família. E abriria a possibilidade de construir novos, fora do círculo familiar. Lispector estaria apontando para esta direção? Dizendo que, na cidade, essa ligação que nos une apenas aos mais próximos não é suficiente para sustentar a sociabilidade necessária à sobrevivência do urbano? Talvez.

Da mesma maneira como o bairro de Copacabana representava para os cariocas dos anos sessenta uma nova forma de morar, em apartamentos reduzidos, com mais impessoalidade e, ao mesmo tempo, uma convivência entre um número muito maior de pessoas, pode ser que a autora considere igualmente importante a construção de uma nova forma de se relacionar com o outro. E o que importa aqui, não é a conotação sexual da relação extraconjugal. É o que ela significa em termos sociais: uma ampliação dos laços possíveis para o amor, uma complexificação das possibilidades de vínculo a serem construídos para o relacionamento com o outro. Essa ampliação e essa complexificação dificilmente aconteceriam no subúrbio, mas ganham espaço nas ruas impessoais da grande cidade, do grande bairro.

Ao final do conto, Clarice deixa uma certa esperança no ar, junto com a sensação mostrada através de um dos filhos da aniversariante: “*Olhou-a, orgulboso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.*” (Lispector, 2000, p.246)

Embora muito tenha se perdido, embora os caminhos para a sua sobrevivência talvez sejam tortuosos e fora das normas pré-estabelecidas, é possível que esta família/sociedade encontre um jeito de viver ainda “mais um ano”. A cidade, contra todas as expectativas, continua.

Quinze anos depois, outra festa. Agora, uma comemoração de ano novo. Os dois escritores trazem esse aspecto em comum.



Lispector e Fonseca trabalham com momentos específicos de “quebra” de rotina no cotidiano: o aniversário e a virada de ano. Isso não é feito por acaso: estes eventos, embora se pretendam felizes, têm o papel de alçar os participantes da vida urbana de suas rotinas mesmerizantes, fazendo-os proceder a uma reavaliação de seus objetivos, desejos e trajetórias. É precisamente neste panorama, onde há a possibilidade daquilo que Simmel (2006) nomearia como “acontecimento fortuito”, ou seja, daquilo que foge à serialidade dos fatos, do que poderia ser configurado como um “acontecimento”, que a sucessão das etapas rotineiras da vida abre espaço para algo que saia da rotina e altere o rumo das vidas envolvidas ali. É a partir deste panorama que uma cunha é inserida no que já está posto como estabelecido e toda a realidade – que parecia tão bem composta e estruturada – deixa entrever a sua fragilidade e ameaça ruir. As duas narrativas, portanto, tratam de forma irônica esse conceito: o de felicidade. O momento feliz é justamente o momento em que uma ruptura parece possível. Em “Feliz Aniversário”, essa cisão não chega a se completar: a cidade apresentada por Clarice Lispector ainda traz uma certa possibilidade de convívio. Estamos, talvez, na ponta inicial desse processo de esgarçamento do sentido de “estar junto” no espaço urbano.

Rubem Fonseca trata da mesma questão, de forma diferente. Entre os dois momentos, não podemos esquecer que o país atravessou um golpe militar e anos de repressão que mudaram

fortemente os rumos de seu processo político e social. A presença da televisão nas casas começa a ser imperativa e se mostra determinante na construção de um imaginário mais abrangente sobre o que seja o país e as formas de vida adotadas por ele. Fonseca está falando a partir desse panorama, onde a presença da censura se faz forte e a música não é mais a doce bossa nova dos anos cinquenta e sessenta, altamente protagonizada por artistas cariocas e tendo como principal objeto o cotidiano, a paisagem e as vivências tomadas a partir do Rio de Janeiro. Aquela bossa nova havia consolidado uma imagem do Rio para o Brasil e mesmo para o mundo, tornando o imaginário nacional fortemente impregnado daquele engendrado pela cultura e modos de vida cariocas. Nos anos setenta vamos ter um panorama mais abrangente: iniciam-se os festivais de música popular brasileira, e com eles, o cenário musical do restante do país mostra-se diversificado e ganha visibilidade através da mídia, apontando as tendências de suas diversas regiões. Outros imaginários começam a ser formulados sobre o que seja o Brasil. A suavidade da bossa perde espaço para as vertentes regionais, para o tropicalismo, a jovem guarda e para o forte *rock`n`roll* de meados da década de setenta. O violão foi trocado pelas guitarras e as roupas sociais se transmutaram nas batatas coloridas. A sociedade, o país e a cidade perderam o que lhes restava de doçura e ingenuidade. Chacrinha distribuía bacalhau nas tardes de sábado e Gilberto Gil cantava o desfecho sangrento de uma disputa amorosa entre dois



operários em “Domingo no Parque”, canção de 1967. Embora a canção trate de Salvador, o que fica claro ao mencionar locais como a Ribeira e a Boca do Rio, é nítido o panorama que está sendo mostrado como algo comum às grandes cidades: uma mescla de violência urbana e – ainda – uma certa ingenuidade, dos operários que em seu dia de folga vão ao parque de diversões. A letra de Gil capta exatamente a transição, e parece premonitóriamente decretar, ao seu final, também o final dessa época: “*Amanhã não tem feira - ê, José / Não tem mais construção - ê, João / Não tem mais brincadeira - ê, José / Não tem mais confusão - ê, João*”.

Na cidade apresentada por Fonseca, a cisão anunciada por Clarice e noticiada por Gil já se completou. Tal como a aniversariante do conto anterior, o Rio já não reconhece mais seus filhos. E os maltrata. Na fala de um dos personagens de “Feliz Ano Novo”:

A barra tá pesada. Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevê e estrangularam. O Minboca, porral! O Minboca! Crescemos juntos em Caxias, o cara era tão míope que não enxergava daqui até ali, e também era meio gago – pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arrebetado.

Pior foi com o Tripé. Tacaram fogo nele. Virou torresmo. Os homens não tão dando sopa, disse Pereba. (Fonseca, 1989, p. 14-15)

Retrato da violência crescente nas grandes cidades, o conto de Fonseca aborda o encontro

entre dois universos sociais absolutamente incommunicáveis: de um lado o grupo composto pelos três protagonistas, Pereba – o “Gonçalves”, Zequinha – o “Inocência”, e o narrador do conto, do qual não sabemos o nome. Do outro, os “bacanas”, que comemoram a virada de ano em uma residência em São Conrado. O Rio de Janeiro deste momento está bem mais à frente naquele processo crescente de esgarçamento da sociabilidade antevisto no conto de Clarice. A distância entre as diversas camadas da sociedade tornou-se intransponível, e a falta de comunicação entre elas, cada vez mais difícil. Não há mais a possibilidade, antes apresentada por Lispector, do equacionamento das diferenças entre os seus diversos personagens, sejam eles pertencentes à mesma família ou apenas partilhem o mesmo espaço urbano. Em análise à obra de Fonseca, Figueiredo resume:

A ficção de Fonseca alimenta-se, assim, dos impasses vividos pelo homem contemporâneo, espelha o paradoxo de um tempo que se nutre da desconstrução das utopias que sustentavam os sonhos de transformação do mundo. O relativismo axiológico, entretanto, é, de certa forma, remédio e veneno: levado às últimas conseqüências para desestabilizar as certezas que serviram aos ideais totalitários, pode gerar em contrapartida, a indiferença que abre espaço para o consenso conformista contra o qual o texto do autor se volta. (Figueiredo, 2003, p. 29)

É nesse fio da navalha, portanto, que o conto caminha. O seu desenrolar é previsível: a



frustração com a noite de festa passada em meio à pobreza, o carro roubado, a volta pela cidade à procura de uma oportunidade de ganho, o assalto durante a festa, a volta para o “cafofo”. O que talvez surpreenda e nos choque, não são os acontecimentos do conto. É a forma como eles se dão. Mais do que violência, o que Fonseca nos apresenta é a perversão. Este termo, originado do latim *perversio*, designa comportamentos humanos que comprometem normas morais, sociais e sexuais estabelecidas em uma determinada sociedade. E é exatamente este aspecto que Fonseca explora à exaustão nas suas histórias. Seja em fatos maiores ou menores, o autor dota seus personagens de atitudes que ultrapassam a simples violência em direção à formas de agir que nos mostram que há algo profundamente perturbador nesse mundo no qual a sua escrita parece se mover com tanta destreza:

Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei puto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha. O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da colcha. Foi um alívio, muito legal. (Fonseca, 1989, p. 18)

Em apenas um parágrafo, temos um ato de extrema violência física – um dedo arrancado

– e outro de extrema violência simbólica – a profanação da pureza da cama e sua colcha de cetim. Ao nos mostrar esses dois atos equiparados, o autor está nos dizendo alguma coisa além da simples violência. Assim como no conto de Clarice, no qual podíamos inferir uma perda de vigor daquela cidade/aniversariante, aqui também estamos – para além da barbárie – falando de um momento de perda. Agora não apenas uma perda ocorrida somente para a cidade e sua sociabilidade, mas de uma perda para seus cidadãos, que decorre daquela primeira. Explica-se: no momento em que a cidade esgota a sua capacidade de conferir identidade aos seus, neste panorama onde a sensação de pertencimento ocorre somente a alguns e outros são deixados “fora da festa” urbana, com poucas possibilidades até mesmo de “fazerem a festa” entre eles próprios, como haviam feito os filhos da aniversariante do conto anterior, acontecem os choques. Porque todos querem, todos precisam, pertencer.

A sensação que vem da segurança de estar em um mundo minimamente conhecido e compartilhado, ou seja, a segurança ontológica de “ser”, está profundamente ligada ao “*caráter tácito da consciência prática*”, conforme nos diz Anthony Giddens:

Do outro lado do que poderiam parecer aspectos bem triviais da ação e do discurso cotidianos, o caos espreita. E esse caos não é só a desorganização, é também a perda de sentido da realidade mesma das coisas e das outras pessoas. (Giddens, 2002, p. 40)



Esses “aspectos triviais” que afastam o caos não estão dados aprioristicamente. São construídos pela interação entre as pessoas, engendrados através de seu convívio. Ou seja, a nossa forma de estar no mundo e a possibilidade de interação com tudo o que nos cerca não é algo que se constrói isoladamente a partir de nós mesmos, mas na própria interação com o outro. É Wittgenstein quem sugere que a autoconsciência não pode ter predomínio sobre a consciência dos outros, pelo simples fato da linguagem – que é intrinsecamente pública – ser o meio de desenvolvimento de ambas. A imagem do indivíduo vai sendo composta junto com a imagem mental do que o cerca: “A intersubjetividade não deriva da subjetividade, mas ao contrário”. (Giddens, 2002, p. 53) Infere-se daí que o espaço público é um elemento vital para a manutenção dessa estabilidade. É ele que confere a possibilidade de construção dessa interação, sendo mais enriquecedor esse processo quanto mais diversidade for abrigada por esse espaço. O que Fonseca nos mostra, com seus personagens, é que o esgarçamento da sustentabilidade desse mundo público coloca-o em xeque, questionando-o em quão acessível a todos e, portanto, quão “público”, ele é. Reduzidos a esse convívio restrito – o único considerado “possível” – é criado um circuito de perdas que se auto-alimenta: perde o sujeito, que não tem a chance de desenvolver a sua segurança ontológica na interação com as diferenças;

e perde a sociedade, que se reduz a normas que vão sendo aos poucos esvaziadas de conteúdos e, desprovidas de acontecimentos, vivências e embates que lhes acenem com a possibilidade de atualização, passam a corresponder a invólucros desprovidos de sustentação.

E é esse o impasse no qual o conto mergulha a partir do encontro entre as realidades tão diferentes: a impossibilidade desses dois grupos reconhecerem um ao outro, e às suas demandas. Mesmo quando fortemente confrontada, a parcela de moradores da cidade que se ausentou dela não consegue enxergar que o que está em jogo ali não é simplesmente a posse dos objetos. Há uma reivindicação que vai muito além da simples luta de classes, o que Fonseca nos faz ver da forma mais cruel:

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irritem, levem o que quiserem não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.

Podem também comer e beber à vontade, ele disse.

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro.

Como é seu nome?

Maurício, ele disse.

(...)



Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede? Ele se encostou na parede. Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Aí. Muito obrigado.

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone.

Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma. (Fonseca, 1989, p. 19)

O triste fim de Seu Maurício mostra claramente que estamos tratando de uma situação que ultrapassa o âmbito econômico. Trata-se aqui, de um embate que extrapola as simples questões que dizem respeito ao interesse individual, e mesmo vai além das diferenças entre aspirações das diversas faixas socioeconômicas. Tenham ou não consciência disso, os personagens de Fonseca estão encenando uma luta pela cidade, ou melhor dizendo, pelo direito de existir na cidade, de pertencer a ela. Sabemos pela leitura de Kant feita por Luiz Antônio Baptista que “o homem de lugar nenhum é um angustiado criminoso em potencial” (Baptista, 1999, p. 99), ou seja, no momento em que se perde o sentido de pertencimento a um grupo, onde não há mais o reconhecimento de ser parte de um todo, perde-se também as razões para se obedecer às regras de convivência coletiva. Esta análise, embora à primeira vista pareça se aplicar apenas ao trio que assalta e barbariza a festa de ano novo em São Conrado, ou seja, a

representantes de uma classe que foi excluída – social e economicamente – da cidade, se tomada sob um ponto de vista mais amplo, vale para os dois pólos ali presentes. De um lado, temos esse trio, essa classe que foi excluída. Do outro, uma classe que se exclui. Nenhum dos dois grupos retratados no conto se vê como pertencente a esse coletivo urbano. Nenhum deles têm sentido de “comunidade”, de aspecto em comum, com a cidade. No momento em que passamos a ter no espaço urbano uma polarização entre esses grupos que, impermeáveis ao sentido de pertencer a um mesmo conjunto, tornam-se incapazes de ver na cidade o lugar do encontro e da construção de relações, o acirramento desse embate é totalmente previsível. (Neves *et al.*, 2001)

Se retornarmos a Simmel e sua análise sobre o homem metropolitano, vemos que uma das principais características da metrópole é a ligação entre a economia monetária e o domínio do intelecto. Segundo o autor,

Eles partilham uma atitude que vê como prosaico o lidar com homens e coisas; e, nesta atitude, uma justiça formal freqüentemente se combina com uma dureza desprovida de consideração. A pessoa intelectualmente sofisticada é indiferente à individualidade genuína, porque dela resultam relacionamentos e reações que não podem ser exauridos com operações lógicas. (Simmel, 1973, p. 13)

Ou seja, o dinheiro reduz tudo a “quanto?”. As individualidades e subjetividades são deixadas de lado e substituídas por um número, indiferente. Apenas a realização objetiva, mensurável, é de

interesse. Deriva daí uma forma de pensar que privilegia o cálculo, a quantificação, e as relações interpessoais passam a se caracterizar pelo prosaicismo. Segundo Robert Pechman, “com sua mentalidade que privilegia as coisas e negligencia as pessoas, esses grupos têm da cidade a percepção de uma arena de competições, grande feira, templo do consumo” – cabendo aqui lembrar que a lógica que move o consumo é a da individualização. Ainda de acordo com esse autor,

Constata-se, com isso, um desencantamento da idéia de cidade e a concomitante desconstrução da noção de social e de sociedade e, conseqüentemente, da noção de política e mundo comum, com desdobramentos na própria concepção de cidadania. Tal fenômeno decorreria, justamente, da impossibilidade de se dar sentido ao acervo simbólico que provê legitimidade à existência da cidade como lugar da invenção das representações sobre o convívio, como lugar da negociação pela vida pública, em suma como lugar daquelas representações que a percebem como espaço do acolhimento do estranho, da hospitalidade, da ação do cidadão e da vida política. (...) Da mesma forma, quando a cidade é esvaziada de seus sentidos, ela perde o seu poder de urbanidade e se torna incapaz de ser referência, incapaz de doar significado à identidade dos seus, facilitando a proliferação da violência e da incivilidade. (Pechman, 2004, p. 3)

Mas será que, à semelhança de Lispector, Fonseca nos aponta alguma possibilidade de rumo a ser tomado? Seria fácil ao escritor terminar a sua história embutindo nela alguma

“moral”. O trio que assalta e barbariza a festa poderia ser preso e castigado exemplarmente. Quem conhece a sua obra, porém, sabe que não é por essa seara que ele caminha. Suas histórias não implicam lições de moral, finais felizes, engendramentos edificantes. A falta desse aspecto na sua obra, inclusive, foi responsável pela sua censura que sofreu pelo regime militar. O que incomodava aos censores que o leram em 1976, não era a violência, a barbárie, a anomia trazida à tona da sociedade por seus personagens. O que os incomodava era a ausência de castigo aos responsáveis pela subversão das regras sociais. Segundo Figueiredo, “o despreparo dos que exerciam a função de proibir livros não os impediu de intuir que a obra podia-se constituir numa ameaça à moral de rebanho que se pretendia reforçar” (2003, p. 27).

Daí que nenhum alento fácil poderia ser esperado do autor ao final dessa ou de qualquer das suas histórias. Se quisermos inferir algo que nos mostre qualquer tipo de possibilidade de renovação da sociabilidade em meio ao caos barbarizante, temos que ler nas entrelinhas, procurar pistas, destrinchar indícios. É nas filigranas do panorama traçado por ele que podem estar os pequenos detalhes que nos mostrem alguma direção.

Dois aspectos do conto podem ser lembrados. O primeiro, um detalhe deixado despreziosamente no ar: a alcunha dada pelo “chefe” do trio a um de seus componentes, Inocência. Como já foi dito antes, ao nos referirmos à Clarice, Rubem Fonseca não faria



isso por acaso. Esse apelido criado no calor da hora, em meio ao assalto, por um personagem do qual não sabemos sequer o nome, traz embutido em si um certo discurso. Fonseca poderia estar dizendo que – a despeito de toda a violência, por trás de toda a barbárie, há uma “inocência” sobre as reais motivações disso? Esse personagem estaria simbolizando algo sobre o qual ele não chega a inferir os reais significados? Essa questão fica sem resposta em Fonseca. Também ficará sem resposta aqui. Na verdade, o que importa não é que se chegue a uma conclusão a respeito dela. A sua importância é ser levantada, é que ela permaneça pairando no limbo de nosso pensamento, como algo que, em algum momento, teremos que encarar. E encará-la não é fácil. Encarar a questão da possível “inocência” de Zequinha – o “Inocência” – obriga a que nos impliquemos no processo como coresponsáveis pelo atual depauperamento nas relações sociais das quais se forma a cidade, pela perda de sentido do espaço urbano, e mesmo pela perda de sentido do “estar junto”. Implica perguntarmos: se a idéia de cidade, desde seu início, desde a pólis grega, traz embutida

em seu cerne a convivência entre todos – dos mais iguais aos mais diversos – quando constatamos que isso está se perdendo, será que ainda estamos falando de cidade? O que é essa enormidade física, esse gigantesco aglomerado de pessoas ao qual continuamos a chamar de cidade?²

Por fim, Fonseca nos dá algum alento. Há, ainda que seja apenas no universo muito reduzido desse grupo, em meio a esse trio responsável por toda a violência explícita da narrativa, algum sentido de solidariedade. Este é inferido na atitude de um dos componentes do trio. Depois de matar, mutilar e estuprar, quando voltam para casa, um deles foi deixar o carro roubado longe. Zequinha tenta começar a “festa” de ano novo imediatamente, mas é impedido pelo companheiro:

Subimos. Coloquei as garrafas e as comidas em cima de uma toalha no chão. Zequinha quis beber e eu não deixei. Vamos esperar o Pereba.

Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo. (Fonseca, 1989, p. 21)

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Luís Antônio. *Cidade dos sábios*. Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades. São Paulo: Summus, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Cidade escassa e violência urbana. In: *IUPERJ. Série Estudos*, n.91. Rio de Janeiro, ago., 1995, p. 54-64.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FONSECA, Rubem. Feliz Ano Novo. In: _____. *Feliz Ano Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 14-21.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Os crimes do texto*. Rubem Fonseca e a ficção contemporânea. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 14-21.
- NEVES, M. S.; LOBO, Y. L.; MIGNOT, A. C. V. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2001.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PECHMAN, Robert Moses. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. In: AGUIAR, Flávio *et al.* *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p.101-107.
- _____. Entre a cidade e a cidadela: representações da urbanidade e da violência no Rio de Janeiro. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2004, [mimeo.].
- SANTOS, Laymert Garcia dos. São Paulo não é mais uma cidade. In: PALLAMIM, Vera. *Cidade e cultura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 111-118.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Clarice Lispector*. São Paulo: Atual, 1987.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 11-25.
- _____. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Abstract – Based on the short stories “Feliz Aniversário”, by Clarice Lispector, and “Feliz Ano Novo”, by Rubem Fonseca, this article goes over issues related to the transformation of urban sociability at the time in-between those two works. Engaging in a dialogue with writers as Georg Simmel, Hannah Arendt, and Zygmunt Bauman, this discussion configures a panorama of the contemporary debate on the changes in the significance of urban space.

Keywords: literature; cities; urban sociability; Rio de Janeiro.

Resumen – A partir de los cuentos “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector, y “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca, este artículo procura analizar cuestiones referentes a la sociabilidad urbana y su transformación en el tiempo que separa las dos obras. Dialogando con autores como Georg Simmel, Hannah Arendt y Zygmunt Bauman, dibujase un panorama que tiene un rebatimiento en la actualidad y en la discusión contemporánea sobre los cambios de sentido del espacio urbano.

Palabras-claves: literatura; ciudades; sociabilidad urbana; Río de Janeiro.



Notas

¹ *Commemorare* – Construir em comum uma memória. É também uma forma de re-significar algo sucedido – uma vida, uma data, um acontecimento – ponderando a dimensão sobre o coletivo do que foi vivido numa dimensão mais individual.

² Desenvolvimento dessa questão em: Ortega, 2000.

